

ORIGINALIDADE NA ESCRITA ACADÊMICA: A PERGUNTA DE PESQUISA EM FOCO¹

Sueli Cristina Marquesi

suelimarquesi.sm@gmail.com

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Resumo: Neste artigo, discuto o tema da originalidade na escrita acadêmica e de sua estreita relação com a pergunta de pesquisa, tomando por base os estudos de Maria da Graça Lisboa Castro Pinto. São inquestionáveis a importância da formalização da pergunta, como orientadora de uma escrita portadora de originalidade, assim como a dificuldade que pós-graduandos têm para elaborá-la dessa perspectiva, o que consiste em um desafio a ser superado já no início do desenvolvimento de uma pesquisa. Sabe-se que pergunta bem definida e em consonância com a natureza da escrita acadêmica, que tem, na originalidade, seu traço essencial, subsidia o autor na explicitação de sua voz, na articulação do aporte teórico e na reflexão sobre ele, no estabelecimento de categorias de análise e na discussão de resultados. Para ilustrar o tema tal como situado, trago à discussão depoimentos de pós-graduandos de três grandes universidades brasileiras e aponto alguns caminhos com vistas à abordagem da escrita acadêmica, com foco na pergunta de pesquisa.

Palavras-Chave: Escrita acadêmica. Originalidade. Autoria. Pergunta de pesquisa.

Abstract: In this article, I discuss, based on the studies of Maria da Graça Lisboa Castro Pinto, the theme of originality in academic writing and its close relationship with the research question. Both the importance of formalizing the research question, which guides writing with originality, and the difficulty of post-graduate students in elaborating it, according to this approach, are unquestionable. This constitutes a challenge to be overcome early in the development of a research. A well-defined research question, aligned with the nature of academic writing, whose essential characteristic is originality, assists the author in exposing his own voice, in articulating and reflecting on the theoretical contribution, in defining categories of analysis and in writing discussion and results. To illustrate the theme, I present post-graduate students' testimonies from three important Brazilian universities and also point out ways for academic writing, focusing on the research question.

Keywords: Academic writing. Originality. Authorship. Research question.

¹ No singular, como tratamento genérico.

1- Introdução

Muito tenho me questionado nos últimos anos, no exercício da orientação de teses de doutorado e dissertações de mestrado, sobre a dificuldade que pós-graduandos apresentam para formalizar perguntas de pesquisa que anunciem a originalidade do trabalho e que possam assumir o papel de fio condutor da produção de uma escrita acadêmica assim caracterizada.

A originalidade na escrita acadêmica, um dos temas estudados em profundidade pela catedrática Dra. Maria da Graça Lisboa Castro Pinto e dado a conhecer em diversas de suas publicações, ainda que indiretamente, mas, especialmente, em Pinto (2016, 2017), com base em vasta bibliografia, reflexão e proposta de aplicação a situações vivenciadas por estudantes de diferentes níveis de formação, entre eles os universitários, tem sido também objeto de meus estudos, em interlocução muito próxima com a insigne pesquisadora, que tanto tem contribuído para meu pensar e fazer na esfera da escrita acadêmica.

Sinto-me, assim, privilegiada por poder, neste número de *Linguarum Arena*, escrito para homenageá-la, reunir-me a colegas que tanto aprenderam com o pensamento e com as descobertas da Dra. Maria da Graça Pinto, com seu olhar aguçado, com sua perspicácia teórico-analítica, com sua preocupação com as questões de ensino subsidiadas pela Psicolinguística e focadas em temas tão desafiadores quanto a escrita, a leitura, a revisão, a reescrita, e estas como processo contínuo de aprendizagem ao longo da vida. Com seu exemplo de rigor investigativo e de sua própria escrita, muito aprendi, aprendo e compartilho com aqueles que acompanho neste rico universo.

Sinto-me privilegiada, também, pela oportunidade desta escrita, que me permite propor novas perguntas, que se acrescentarão a outras já respondidas em trabalhos anteriores, como em: Marquesi, Cabral & Rodrigues (2020), sobre a relação entre argumentação e efeitos de sentido na escrita acadêmica; Marquesi & Aguiar (2019), sobre o encadeamento entre parágrafos para a escrita, revisão e reescrita de textos acadêmicos; Marquesi (2019), que reúne artigos sobre abordagens teórico-analíticas na escrita acadêmica, um deles, de nossa homenageada; Marquesi & Aguiar (no prelo), sobre a revisão de texto por pares como metodologia ativa para o aprimoramento da escrita acadêmica; Rodrigues & Marquesi (no prelo), sobre a responsabilidade enunciativa em gêneros discursivos acadêmicos.

Considerando o tema a ser aqui discutido e a delimitação dentro de sua abrangência, e partindo do pressuposto de que a originalidade na escrita acadêmica é movida por pergunta (s) de pesquisa formalizada (s) de modo a anunciar e a conduzir um trabalho escrito com originalidade, seja em sua base teórica, seja em sua análise, tenho por objetivo principal, neste artigo, discutir a importância da pergunta de pesquisa para o desenvolvimento de uma escrita com originalidade. Para tanto, proponho as seguintes questões a serem respondidas:

- (i) Como a reflexão teórico-analítica de Maria da Graça Pinto sobre originalidade na escrita acadêmica pode fundamentar reflexões sobre a originalidade na pergunta de pesquisa?

- (ii) Em que medida doutorandos e mestrandos relacionam originalidade à importância ou às dificuldades na escrita de perguntas de pesquisa?
- (iii) Quais formalizações de perguntas de pesquisa podem ou não anunciar e conduzir a escrita de um trabalho acadêmico portador de originalidade?

Para respondê-las e atingir o objetivo explicitado anteriormente, organizo minha exposição em três seções, além da introdução e das considerações finais. Na primeira seção, trago a voz de Maria da Graça Lisboa Castro Pinto, com quem estabeleço um diálogo sobre aspectos da originalidade na escrita acadêmica e da formalização da pergunta de pesquisa; na segunda, apresento vozes de pós-graduandos relacionadas à pergunta de pesquisa no que diz respeito à sua importância e às dificuldades para formalizá-la; na terceira, comparo, a título de exemplificação, perguntas de pesquisa cujas formalizações apontam ou não para a originalidade na escrita acadêmica. Nas considerações finais, com base no estudo realizado, dou alguns destaques a tópicos que podem contribuir para que pós-graduandos vençam o desafio da escrita acadêmica com originalidade, a partir da pergunta de pesquisa.

As vozes de pós-graduandos aqui apresentadas pertencem a um *corpus* constituído por depoimentos de pós-graduandos de doutorado e de mestrado de três Programas de Pós-graduação brasileiros: 1) Programa de Língua Portuguesa, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, instituição em que atuo como docente e pesquisadora do grupo de pesquisa “Texto, Escrita e Leitura” (CNPq-PUC-SP); 2) Programa de Estudos da Linguagem, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, grupo de pesquisa Análise Textual dos Discursos (CNPq-UFRN); 3) Programa de Estudos Linguísticos, da Universidade Federal do Espírito Santo, grupo de pesquisa Estudos em Linguística Textual (CNPq-UFES), instituições com as quais mantenho interlocução, respectivamente, com os grupos de pesquisa “Análise Textual dos Discursos” e “Estudos em Linguística Textual”.²

2- A voz de Maria da Graça Lisboa Castro Pinto: da originalidade na escrita acadêmica para reflexões sobre a originalidade na formalização da pergunta de pesquisa

Início a discussão sobre o tema originalidade na abordagem de Pinto, situando-o tanto em relação a estudos que pavimentaram sua inserção como em relação a estudos que foram por ele pavimentados. Assim, os dois estudos, cerne desta discussão – A escrita acadêmica: um jogo de forças entre a geração de ideias e a sua concretização (2016) e Da “manta de retalhos” ao “tapete de Arraiolos”: transformação de tecedura também aplicável à escrita acadêmica (2017) –, se, de um lado, refletem sua gênese em estudos que o antecederam, como em:

² Meus agradecimentos especiais, pela participação, na constituição do *corpus*, dos colegas pesquisadores Profs. Drs. Ana Rosa Ferreira Dias, Neusa Maria Oliveira Barbosa Bastos, Maria das Graças Soares Rodrigues, Rivaldo Capistrano Junior e a seus orientandos com seus depoimentos.

- A leitura/escrita na Universidade e para lá dos seus muros, 2010;
 - A leitura e a escrita: um processo conjunto assente numa inevitável cumplicidade, 2013;
 - A prática da escrita-composição: um investimento para a vida, 2014;
- de outro lado, evidenciam sua importância para os estudos que o sucederam, como em:
- A escrita: uma prática movida pela busca da melhor adequação da execução à intenção, 2018a;
 - O labor da escrita: uma prática também testemunhada por estudante, 2018b;
 - Os meandros da escrita acadêmica. Alguns recados aos estudantes universitários, 2018c;
 - A escrita acadêmica vista pelos estudantes: a generosidade ao serviço do ensino, 2019.

Esta consolidação que vemos na obra de Maria da Graça Lisboa Castro Pinto, no espaço temporal de uma década (2010-2019), põe em relevo o tema da originalidade como primordial tanto para o tratamento da leitura e da escrita, quanto para o tratamento da escrita e da reescrita, dentro um processo contínuo de leitura, escrita, leitura, revisão e reescrita, permeado pela originalidade, o que possibilita ao autor de um trabalho acadêmico, “no seu labor de reescrita assente em escrita, combinar informação de várias proveniências com vista a conferir à sua produção textual a originalidade esperada em resultado da pesquisa efetuada” (Pinto, 2016: 53).

Para alcançar tal originalidade na escrita acadêmica, a autora destaca algumas características essenciais, tais como, o não condicionamento de vozes, de linguagem e da argumentação que se constrói, assim como a imprescindível criatividade. Neste sentido, corrobora-se o fato de que não há como ensinar escrita acadêmica por modelos pré-estabelecidos que se reproduzem, mas, sim, por caminhos a serem percorridos para atingir a finalidade comunicativa que o gênero solicita – caminhos de escrita e de reescrita que passam pelo processo de retextualização (Marcuschi, 2007; Marquesi, 2010), como relacionarei nas considerações finais deste texto.

Na abordagem da pesquisadora, junta-se a essas características aquela que diz respeito à intertextualidade a ser construída pelo autor de um texto acadêmico, em cada situação específica, a fim de cumprir sua finalidade comunicativa: uma intertextualidade em que dirige, com sua voz, as muitas vozes que traz ao texto, o que respalda a ideia que aqui defendo da pergunta de pesquisa formalizada de modo a constituir-se como o ponto de partida de uma escrita original, a pergunta como motivadora de respostas que revelem a seleção e articulação de vozes tanto no constructo teórico, quanto na análise e discussão de seus resultados.

Contribui de forma expressiva para a discussão da intertextualidade, tal como deve ocorrer no texto acadêmico, a voz de Pinto na articulação da polifonia teórica que lhe permite, com originalidade, fazer uso do recurso do questionamento e expor o seu pensamento sobre a real natureza da intertextualidade:

Poderá ter também cabimento questionar se a intertextualidade da escrita acadêmica limita a capacidade de um autor ser ‘the sole originator of his or her words or ideas’³ (CURRIE, 1998, p. 1). Não acreditamos que seja o que se passa neste gênero textual, visto que ele tem necessariamente de assentar numa interpretação que só pode ter a sua gênese no autor que lhe dá voz, ao resultar do cruzamento das vozes que o constituem (STARFIELD, 2002), mercê de uma análise crítica seguida da necessária síntese. Entre outras condutas, a inclusão com precisão no texto a redigir, sempre que se imponham, quer de referências à literatura (‘citations’) (JAKOBS, 2003) corretamente atribuídas e utilizadas com contenção, quer de citações (‘quotations’) (JAKOBS, 2003) introduzidas, integradas e contextualizadas acertadamente (PETRIĆ, 2012), auxiliará a sustentar o trabalho acadêmico e revelará como o seu autor elabora as suas ideias, consolida os seus argumentos e reforça ou revê as suas opiniões no intento de ser original (a respeito do vaivém entre a análise e a síntese neste contexto em consonância com o empenho do autor, ver CROWLEY, 1977). [...] (Pinto, 2016: 57).

Da citação que acabo de trazer à discussão, é possível constatar, na própria escrita da autora, a confirmação do que ela defende na continuidade de sua exposição, quando ressalta que, na escrita acadêmica, o autor tem sempre o desafio de analisar ideias de outros, compará-las, associá-las e contrastá-las entre si e com as suas, em toda sua diversidade de conhecimentos que passam por vivências e, por meio de síntese de um esforço multicognitivo, propicie o alcance de uma intertextualidade marcada pela originalidade e não pela mera justaposição de ideias de autores lidos (Pinto, 2016).

Todo esse trabalho que busca garantir a originalidade na escrita acadêmica impõe, necessariamente, ao autor do texto, o prévio exercício cuidadoso de leitura, de seleção, de elaboração de resumos, para depois proceder a uma escrita que sustente sua voz, a defesa de seu ponto de vista, as articulações, únicas para cada escritor, em cada tempo e em cada situação. Isto me permite ressaltar mais uma vez a importância da formalização de perguntas de pesquisa portadoras de originalidade, que orientem a escrita do texto acadêmico: questões originais levam a uma articulação inovadora de textos lidos; leva, também, à definição de categorias de análise que permitam o exame criterioso do *corpus* e, sobretudo, à discussão também original de resultados obtidos.

No âmbito dessas discussões e complementando-as, dou destaque aos oito conceitos relacionados com a originalidade na escrita acadêmica, sintetizados por Pinto (2016), com base em consolidado estudo teórico constituído por vasta bibliografia por ela estudada: 1) autoria; 2) identidade; 3) voz; 4) posição; 5) atribuição; 6) citação; 7) paráfrase; 8) intertextualidade transgressiva; e, ainda, a suas considerações especificamente no que se refere a alguns desses conceitos, como a atribuição, a citação e a paráfrase, os quais, na acepção da autora, somente revelam originalidade se o autor for capaz de manifestar, ao seu leitor, conhecimento sobre o texto fonte.

³ o único criador de suas palavras ou ideias.

A esse respeito e em concordância com a pesquisadora, considero importante chamar a atenção daqueles que estão em processo de aprendizagem da escrita acadêmica, seja em seus mestrados, seja em seus doutorados, para a própria natureza da escrita acadêmica, a pedir de seu autor a tecitura de ideias que quer defender, em torno de uma problematização que dialoga com fontes e organiza pensamentos por meio de sua voz, tornando, assim, original sua argumentação.

Neste aspecto da problematização, que marca uma escrita acadêmica original, encontro mais uma vez respaldo para a ideia que aqui defendo – da pergunta de pesquisa como ponto inicial da gênese dessa originalidade, já que é da problematização do tema, formalizada pela(s) pergunta(s), que um autor traça um fio condutor de seu texto e pode expressar sua voz, marcando a distinção entre sua abordagem de determinado tema e outras abordagens. Nesta reflexão posso, ainda, incluir a resposta dada pela autora à pergunta que tão bem insere a questão do ensino da escrita acadêmica original:

[...] Como atuar para que os estudantes sintam que, em condições bem estabelecidas, também podem ter voz, também podem ser autores e gerar ideias, sem terem de recorrer inevitavelmente a fontes e à respetiva atribuição? (Pinto, 2016: 61).

- Basta que se empenhem em conceber a sua própria voz para que possam concluir que ela é uma realidade (Pinto, 2016: 62).

As reflexões possibilitadas pelo estudo de Pinto (2016) permitem o avanço desta nesta discussão, com o estudo por ela realizado em 2017, quando, com a feliz metáfora “da manta de retalhos ao tapete de Arraiolos”, a autora traz novos elementos importantes para compreender a questão da originalidade do texto acadêmico e me permite estendê-los para a formalização da pergunta de pesquisa indicativa de originalidade, foco deste artigo.

Em suas considerações e em continuidade à ideia já antes defendida, é de se destacar sua afirmação nesse estudo de 2017, em relação ao que é necessário para um autor que escreve com originalidade: “Qualquer autor será porventura portador da esperada originalidade quando cria um novo significado ligando de um modo muito singular os materiais de vária índole com que manteve de uma ou outra maneira um contacto mais ou menos próximo” (Pinto, 2017: 4356).

Neste sentido, é de se destacar sua concepção de que o autor de uma escrita acadêmica, para ser original, não pode permanecer na fase da justaposição de ideias lidas nas fontes consultadas, aspecto que, na polifonia teórica construída pela autora, vem sendo objeto de estudo já há três décadas:

[...] na década de 90 do século passado, estudiosos com interesses na área da escrita-composição como Howard (1993) usavam expressões do tipo ‘patchwriting’ para ilustrar tentativas de escrita que tentavam afastar-se de uma cópia verbatim usando dos mais diversos meios para conseguir versões tidas supostamente como pessoais pelos estudantes que as compunham e, por outro lado, que também pela mesma altura se tornava conhecida a ‘tapestry approach’ (Scarcella; Oxford, 1992). Já

neste século, Jakobs (2003) emprega o termo ‘patchwork’, que se revela porventura ainda mais próximo da expressão portuguesa ‘manta de retalhos’ quando somos confrontados com justaposições continuadas sem interpretação de referências à literatura (‘citations’ na terminologia de Jakobs, 2003) não integrais (ver, entre outros, Swales, 1990 e Clugston, 2008). (Pinto, 2017: 4354).

Maria da Graça Pinto ressalta que a fase do “patchwork”, das colagens, da referida “manta de retalhos” deve ser ultrapassada, para se poder atingir a intertextualidade tal como considerada por ela já no trabalho de 2016, conforme anteriormente discutido. Ressalta-se, assim, no dizer da autora, a importância da transição da “manta de retalhos para o tapete de Arraiolos” como uma oportunidade pedagógica a ser trabalhada para que o texto adquira sua originalidade, o que eu estenderia também para a pergunta de pesquisa, a ser trabalhada, em versões de reescrita que, apontando para a originalidade no desenvolvimento do trabalho, possam orientar seu autor, em seu projeto de dizer com originalidade.

É de se destacar que as afirmações de Pinto contextualizam-se na visão de escrita por ela adotada neste estudo em discussão – “uma atividade que está longe de ser transparente e linear” (p. 4355), e que pede, portanto, um autor que, com paciência e esmero, teça muitas tramas, mesma visão que venho adotando em minhas pesquisas, das perspectivas sociocognitivo-interacional da Linguística Textual (Koch, 2006; Marcuschi, 2007 e da Análise Textual dos Discursos (Adam, 2011), em que tenho analisado planos de texto singulares, resultantes do trabalho criativo de escritores que combinam diferentes sequências textuais para cumprirem determinados propósitos em seus textos (Marquesi, 2017, 2018; Marquesi, Elias & Cabral, 2017).

As reflexões desencadeadas a partir dos estudos de Pinto reiteram a importância da voz/opinião do autor do texto acadêmico, em âmbito da construção de uma verdade interpretada e não apropriada, uma vez que a originalidade não se dá sem transformação, inovação, recontextualização, em estreita consonância com os objetivos do trabalho.

Esses aspectos, somados a outros já aqui tratados, a meu ver, também devem orientar a formalização da pergunta de pesquisa de um trabalho inovador, reafirmando-se a pergunta de pesquisa em seu papel de desencadeador do processo.

Reforçando o convite a que pensem na originalidade da escrita acadêmica, Maria da Graça Pinto ainda nos contempla com um questionamento sobre o significado de originalidade, reafirmando que, no âmbito de trabalhos em que essa se faz presente, o autor constrói ideias, consolida argumentos e reforça ou revê opiniões e que, nesse movimento, tem de vencer o desafio de analisar, comparar, associar e contrastar as ideias de outros, pela sua voz. Vejo nesses aspectos destacados pela autora mais um subsídio para o que defendo no universo de formalização da pergunta ou das perguntas de pesquisa: que ela(s) possibilite(m) o cumprimento de todas essas atividades no decurso do processo da escrita acadêmica, em todas as suas partes.

Concluo esta seção, propondo que, em conformidade com a perspectiva traçada pela Dra. Maria da Graça Pinto para o tratamento da originalidade na escrita do texto acadêmico, tratemos a formalização da(s) pergunta(s) de pesquisa em consonância com o que se espera da escrita de um trabalho acadêmico: originalidade. E que assim formalizada(s), ela(s) possa(m) guiar/orientar o pesquisador em suas reflexões teóricas, na definição dos procedimentos teórico-analíticos e na análise e interpretação de dados.

3- Vozes de pós-graduandos: importância e dificuldades para a formalização de perguntas de pesquisa

No processo de constituição do *corpus* deste trabalho, os depoimentos de doutorandos e de mestrandos, solicitei-lhes, antes de indicarem suas perguntas de pesquisa, o que será tratado na seção 4, que respondessem a duas questões, uma relacionada à sua importância e outra relacionada às dificuldades para sua formalização, a fim de verificar se a questão da originalidade é por eles considerada, seja em importância, seja em dificuldade.

Para o presente estudo, considerando regularidades, especificidades e representatividade dos dados encontrados nos depoimentos, por mim analisados à luz dos indicadores de originalidade na escrita acadêmica, tratados na seção 2, trago exemplos retirados de depoimentos de 28 pós-graduandos, nomeados como autores (A) e numerados de 1 a 28, com a indicação DO ou ME (doutorando ou mestrando), com base nos quais comento os dados por eles evidenciados.

A seguir, apresento esses exemplos, no que diz respeito às duas perguntas:

Em relação à primeira pergunta – *Em sua opinião, qual é a importância da pergunta de pesquisa para o desenvolvimento de sua tese ou dissertação?* –, vejamos algumas vozes representativas do grupo:

(A1-DO) A importância é que ela serve para orientar a pesquisa, filtrar as leituras e vislumbrar o que, de fato, deve entrar na composição do trabalho de modo que a resposta atenda a pergunta feita.

(A4-DO) É a pergunta de pesquisa que direciona todo o trabalho: definição de linha teórica, seleção de bibliografia, orientação metodológica para a pesquisa e para a análise do objeto e a delimitação de *corpus*. Sem uma excelente formulação da pergunta de pesquisa, põe-se em risco todo o empreendimento de pesquisa.

(A8-ME) A pergunta de pesquisa foi importante para definir os limites do meu estudo, direcionando a busca das lentes teóricas, bem como a definição do meu *corpus*.

(A16-DO) A pergunta de pesquisa foi essencial porque permitiu explicitar meu problema de pesquisa e o caminho de análise do *corpus*.

(A18-ME) A pergunta de pesquisa auxilia o pesquisador a delimitar o que fará parte do trabalho, por isso, ela é como um guia para a execução da pesquisa.

(A23-DO) A pergunta de pesquisa é elemento norteador para o desenvolvimento de um trabalho acadêmico, porque com base no levantamento de uma problemática é possível que o pesquisador elabore de maneira concisa os objetivos, a justificativa, a metodologia, elenque as categorias de análise e o eixo teórico que serão utilizados.

(A28-DO) A pergunta de pesquisa, para mim, significa muito. Por meio dela que consigo orientar-me de modo específico e claro em relação aos propósitos e caminhos que devo perseguir ao longo das leituras que fundamentarão a tese.

À leitura/análise das respostas à primeira pergunta, pode-se constatar que todos os pós-graduandos corroboram a importância da pergunta de pesquisa para o desenvolvimento de suas teses ou dissertações. Todavia, ao apresentarem suas justificativas para a referida importância, em alguns casos, relacionam-na ou à escolha da base teórica, ou à constituição do *corpus*; ou ainda “à objetividade, à concisão, à clareza, à filtragem para leituras, à costura do texto, às etapas do trabalho, à exatidão em relação àquilo que se busca na literatura e quanto ao objeto de pesquisa e aos métodos”.

É de se destacar, também, que ainda nos casos em que a concebem como fio condutor do trabalho, não relacionam sua importância à questão da originalidade necessária à escrita acadêmica.

As vozes dos pós-graduandos evidenciam que a busca de tratamento à formalização da pergunta de pesquisa indicadora de originalidade é um tema a ser tratado no processo de escrita acadêmica, antecedendo a própria escrita das seções de um trabalho acadêmico.

Em relação à segunda pergunta – *Quais dificuldades encontrou para formalizá-la?*, vejamos outras vozes também representativas do grupo:

(A3-DO) As dificuldades estão em delimitar o objeto de análise e quais elementos serão investigados para que a pergunta de pesquisa seja clara e objetiva. Com o objeto de estudo bem delimitado, a situação problema que o cerca será melhor respondida.

(A12-DO) Pensar em uma pergunta que norteasse, de forma abrangente, todo o encaminhamento da tese, bem como colocar em sua composição, de forma breve, todos os fenômenos que estudamos, além do objeto de análise e o *corpus* selecionado.

(A18-ME) Delimitar o que realmente estou buscando com o *corpus* selecionado e a teoria de estudo e alinhar a pergunta aos objetivos do trabalho. Isso porque, em alguns momentos, toda a ideia da pesquisa parece estar clara para mim, mas não consigo registrá-la.

(A23-DO) A dificuldade de estabelecer as perguntas foi realmente conseguir delimitar de maneira objetiva e concisa com a finalidade de selecionar o *corpus*, a teoria, os objetivos, a justificativa e a metodologia que estejam adequados e articulados com as perguntas de pesquisa.

Os exemplos referentes às respostas à segunda questão – sobre a dificuldade de formalização da pergunta de pesquisa – revelam que os pós-graduandos concordam que há dificuldades para a formalização da pergunta de pesquisa, e justificam-nas preponderantemente em relação a aspectos formais da escrita da pergunta, tais como aquelas relacionadas a “delimitação, abrangência e concisão e clareza quanto ao objeto de pesquisa”. Alguns deles já revelam a preocupação com a análise e reflexão que farão. Contudo, também aqui não se constata relação com uma formalização que facilite o desenvolvimento de um trabalho portador de originalidade. Nenhum deles aponta, por exemplo, que uma dificuldade seja a de inserir a voz do autor já na pergunta, antecipando e preparando, assim, a escrita que manifeste originalidade, tal como anteriormente exposto na seção 2 deste texto.

Comparando as constatações em relação às respostas dadas às duas questões, é possível corroborar o desafio que constitui a abordagem da pergunta de pesquisa, a ser vencido não só por doutorandos e mestrandos, mas também por seus orientadores, na busca de estratégias de escrita e reescrita da pergunta de pesquisa, a fim de que, ao mesmo tempo em que ela insere o novo do trabalho, indique a possibilidade do tratamento desse novo concebido do ponto de vista teórico, crítico e analítico.

4- Refletindo sobre perguntas de pesquisa em relação à originalidade na escrita acadêmica

Nesta última seção, trago exemplos de perguntas de pesquisa, organizadas em dois grupos (a) e (b). Em (a), perguntas inicialmente propostas por pós-graduandos, que não remetem a uma escrita acadêmica portadora de originalidade; em (b), perguntas já reescritas por pós-graduandos, que remetem à referida originalidade. Na sequência aos exemplos, apresento uma breve discussão comparativa sobre a leitura/análise das referidas perguntas, preparando, assim, as considerações finais deste artigo.

Grupo (a) – Perguntas que remetem apenas à identificação e descrição de dados:

(A14-DO) – Tema: Responsabilidade enunciativa no inquérito policial.
Perguntas: Quais os elementos textuais referentes à responsabilidade enunciativa são utilizados pelos envolvidos no inquérito policial? Quais marcadores textuais são utilizados pelos envolvidos para a não-assunção da responsabilidade enunciativa? Quais as categorias da responsabilidade enunciativa são utilizadas pelos envolvidos em relação ao delito?

(A22-ME) – Tema: Produção textual no 1º ano do ensino médio.
Pergunta: Quais as marcas linguísticas que indicam a assunção da Responsabilidade Enunciativa em textos de alunos do 1º ano do Ensino Médio Formativo?

Grupo (b) – Perguntas que remetem à análise e interpretação de dados, prevendo a

voz do autor, pautando, assim, a originalidade da escrita acadêmica desde a pergunta de pesquisa:

(A7-DO) – Tema: Plano de texto e responsabilidade enunciativa no gênero artigo científico. Perguntas: De que forma o gênero artigo científico se materializa textualmente, quanto ao plano de texto e as sequências textuais? Como as categorias enunciativas escolhidas são acionadas e contribuem para a construção do ponto de vista (PDV)? Como o locutor/enunciador primeiro agencia outras vozes em seu texto, assumindo ou não a responsabilidade enunciativa?

(A15-DO) – Tema: O trabalho do copidesque em gêneros acadêmicos. Perguntas: Podemos considerar a noção de autor em relação ao copidesque, uma vez que ele produz enunciados próprios quando, por exemplo, insere porções textuais que acabam por serem integradas à versão final do texto? Os movimentos retóricos, nos termos de Swales (1990) e Bhatia (1993), podem constituir um subsídio importante como ponto de partida para fundamentar a discussão acerca da possibilidade de autoria na etapa de copidescagem de um texto? A interlocução que o copidesque estabelece com o autor ao longo do texto pode fornecer indícios de autoria no que diz respeito ao trabalho realizado pelo profissional?

(A16-DO) – Tema: O discurso procedural no Currículo de Língua Portuguesa do Estado de São Paulo. Perguntas: Como se configura o plano de texto do Currículo de Língua Portuguesa da rede estadual paulista de ensino? Como as sequências textuais se relacionam para a organização do discurso procedural nesse documento?

(A25-DO) – Tema: Planos de texto e orientação argumentativa em textos de gêneros discursivos normativos. Perguntas: Qual o papel da orientação argumentativa no estabelecimento dos sentidos do texto? Que estratégias ilocucionárias e argumentativas podem ser formuladas para análise da orientação argumentativa dos gêneros discursivos normativos tendo em vista a importância do processo de argumentação interpretativa no discurso jurídico? Que tipos de procedimentos teórico-metodológicos podem ser implementados a partir dessas estratégias para análise do texto?

(A27-DO) – Tema: Responsabilidade Enunciativa em Redações do Programa Jovem Senador. Perguntas: Quais as fontes enunciativas e PDV mobilizados pelos estudantes para construir a argumentação nas redações? Que marcas e/ou mecanismos linguísticos os estudantes utilizam para gerenciar e materializar textualmente a (não) assunção da RE nas redações? Como o fenômeno da (não) assunção da RE colabora para o estudante construir seus próprios PDV no âmbito da argumentação desenvolvida nas redações?

A análise dos dois grupos de perguntas de pesquisa apresentados, (a) e (b), confirma que, dependendo da formalização da pergunta de pesquisa, o autor

pode ou não nela ter uma orientação para a escrita do trabalho com originalidade.

Comparando-se as perguntas do grupo (a) com as do grupo (b), é possível constatar algumas regularidades e especificidades que marcam as diferenças em suas respectivas formalizações. Assim, ao passo que as do grupo (a) são introduzidas pelo pronome “Quais”, e têm em suas composições verbos ou locuções verbais, como “indicam” e “são utilizados”, que apontam para uma análise centrada na identificação e descrição de elementos linguísticos no trabalho, as do grupo (b) são introduzidas por advérbios ou locuções adverbiais de modo como, “De que forma”, “Como”, tendo em suas composições verbos ou locuções verbais que remetem a relacionar, refletir, comparar, associar.

Essa comparação indica que as perguntas constantes do grupo (a) devem ser complementadas, ou na própria pergunta, ou por meio de uma outra pergunta, a fim de que, como as do grupo (b), possam orientar o autor no desenvolvimento de uma escrita original.

Como se pode constatar, especificamente em relação às perguntas do grupo (b), em suas diferentes formalizações, elas abrem a possibilidade de manifestação da voz do autor. Neste sentido, além dos introdutórios de perguntas e dos verbos que indicam um olhar mais subjetivo do pesquisador, destacam-se nominalizações que, igualmente, indicam esse olhar, tais como: “implicações”, “proposta”, “organização”. (Conferir com os exemplos).

A essas constatações, acrescento alguns trechos dos exemplos que as especificam, ainda mais, como em: A15-DO, ao se referir a “processos de retextualização”; A25-DO, ao afirmar que “estratégias podem ser formuladas”; A27-DO, ao remeter a “fenômeno linguístico discursivo e seus desdobramentos em textos de alunos”.

5- Considerações finais

As vozes aqui trazidas oferecem muitos dados para a reflexão de pós-graduandos e professores, no “labor” da escrita da pergunta de pesquisa, de modo que esta antecipe e favoreça a escrita acadêmica portadora de originalidade.

Nestas considerações finais, levando em conta limites encontrados nos depoimentos dos pós-graduandos e perspectivas abertas pela reflexão teórico-analítica realizada, é possível destacar alguns tópicos que podem contribuir para que esses estudantes vençam o desafio da escrita acadêmica com originalidade, a partir da pergunta de pesquisa.

Entre os limites encontrados e as perspectivas abertas pelo estudo realizado, reafirma-se uma questão que merece prioridade: a busca de estratégias que permitam aos orientadores propiciar a seus orientandos, de fato, a vivência do processo contínuo de escrita e reescrita da pergunta de pesquisa tantas vezes quanto for necessário para formalizá-la de modo a constituir-se como fio condutor de um trabalho em que a originalidade esteja presente.

Em relação às perspectivas, é de se destacar, como a mais significativa, aquela que insere no horizonte a assunção, pelo pós-graduando, da autoria de seu texto,

desde a definição da pergunta de pesquisa, para assim selecionar e combinar princípios teóricos e procedimentos analíticos que o levem a construir um texto que revele seu ponto de vista fundamentado em aspectos teórico-analíticos, vencendo o limite, na abordagem teórica, da mera justaposição de leituras/resenhas feitas e, na abordagem analítica, da identificação dos fenômenos linguísticos no *corpus* analisado.

Algumas orientações para a referida assunção da voz podem se caracterizar como estratégias eficazes para o tratamento da pergunta inicial de pesquisa, também da perspectiva do *continuum* leitura – escrita – leitura/revisão – reescrita; considerando o objetivo do trabalho. Entre essas orientações, eu destacaria, para concluir este texto, aquelas que orientem o autor à construção da intertextualidade teórica, constatação, comparação, associação, relação, reflexão e interpretação, as quais permitirão que o autor elabore textos que fujam à “manta de retalhos”.

Que a escrita e reescrita da pergunta de pesquisa possibilitem, de fato, vencer esse grande desafio e realizar o que se insere no cenário das perspectivas do “tapete de Arraiolos”, metáfora tão bem proposta por Maria da Graça Lisboa Castro Pinto, para uma escrita acadêmica portadora de originalidade.

REFERÊNCIAS

- Adam, J.-M. (2011) *A Linguística Textual: introdução à análise textual dos discursos*. São Paulo: Cortez.
- Koch, I. V. (2006) *Introdução à Linguística Textual – trajetória e grandes temas*. São Paulo: Martins Fontes.
- Marcuschi, L. A. (2007). *Cognição, linguagem e práticas interacionais*. Rio de Janeiro: Lucerna.
- Marquesi, S. C. (2019) (org.) Escrita acadêmica: abordagens teórico-analíticas. *Verbum – Cadernos de Pós-Graduação*, 8(2). 254 p. ISSN: 2316-3267. (Dossiê temático)
- Marquesi, S. C. (2018) Procedimentos analíticos da ATD e produção escrita: estrutura composicional e sequências textuais descritivas em relatórios técnicos. In: Gomes, A. T.; Passeggi, L.; Rodrigues, M. G. S. (org.) *Análise Textual dos Discursos: perspectivas teóricas e metodológicas*. Coimbra: Gracioso, 111-123, v. 1.
- Marquesi, S. C. (2017) Linguística Textual e Análise Textual dos Discursos: sequências descritivas e progressão textual em foco. In: Capistrano Junior, R.; Lins; M. P.; Elias, V. M. (org.) *Linguística Textual: diálogos interdisciplinares*. São Paulo: Labrador, 279-297, v. 1.
- Marquesi, S. C.; Elias, V. M.; Cabral, A. L. T. (2017) Planos de texto, sequências textuais e orientação argumentativa. In: Marquesi, S. C.; Pauliukonis, A. L.; Elias, V. M. (org.) *Linguística Textual e ensino*. São Paulo: Contexto.

- Marquesi, S. C. (2010) Escritura y reescritura de textos académicos en el posgrado: la retextualización en foco. *Páginas de Guarda – revista de lenguaje, edición y cultura escrita*. 9: 49-60.
- Marquesi, S. C.; Cabral, A. L. T.; Rodrigues, M. G. S. (2020) Escrita acadêmica: argumentação e efeitos de sentido. In: Oliveira, E. G. et al. (org.) *Discurso e Argumentação: tecendo os efeitos de sentido*. Campinas: Pontes, 159-181.
- Marquesi, S. C.; Aguiar, A. P. S. (2021) A revisão de texto por pares como metodologia ativa para o aprimoramento da escrita acadêmica. *Revista Linha D'Água*. 34(1) (no prelo).
- Marquesi, S. C.; Aguiar, A. P. S. (2019) Escrita, revisão e reescrita de textos acadêmicos: o encadeamento entre parágrafos. *Verbum - Cadernos de Pós-graduação*, 8(2): 90-109. ISSN: 2316-3267.
- Pinto, M. G. L. C. (2019) A escrita acadêmica vista pelos estudantes: a generosidade ao serviço do ensinamento. *Verbum - Cadernos de Pós-graduação*, 8(2): 10-22. Disponível em <https://revistas.pucsp.br/verbum/article/view/44916/pdf>, acessado em 14/01/21.
- Pinto, M. G. L. C. (2018a) A escrita: uma prática movida pela busca da melhor adequação da execução à intenção. *Revista Observatório*, 4(4). Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/observatorio/article/view/5564/13325>, acessado em 14/01/21.
- Pinto, M. G. L. C. (2018b) O labor da escrita: uma prática também testemunhada por estudantes. *Diálogo das Letras*, 7(3). Disponível em <http://periodicos.uern.br/index.php/dialogodasletras/article/view/3325/1824>, acessado em 14/01/21.
- Pinto, M. G. L. C. (2018c) Os meandros da escrita acadêmica. Alguns recados aos estudantes universitários. *Revista Linha D'Água*, 31(1). Disponível em <https://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/133916/138975>, acessado em 14/01/21.
- Pinto, M. G. L. C. (2017) A Da “manta de retalhos” ao “tapete de Arraiolos”: transformação de tecedura também aplicável à escrita acadêmica. Atas do V SIMELP - Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa: 4353-4375. Disponível em <http://siba-ese.unisalento.it/index.php/dvaf/article/view/18143/15484>, acessado em 14/01/21.
- Pinto, M. G. L. C. (2016) A escrita acadêmica: um jogo de forças entre a geração de ideias e a sua concretização. *Signo*, 41: 53-71. Disponível em <https://online.unisc.br/seer/index.php/signo/article/view/7325/pdf>, acessado em 14/01/21.
- Pinto, M. G. L. C. (2014) A prática da escrita-composição: um investimento para a vida, *Textura*, 31: 100-114. Disponível em <http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/txra/article/view/1205/912>, acessado em 14/01/2021.
- Pinto, M. G. L. C. (2013) A leitura e a escrita: um processo conjunto assente numa inevitável cumplicidade. *Letras de Hoje*, 48: 116-126. Disponível em <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/11883/8889>, acessado em 14/01/21.
- Pinto, M. G. L. C. (2010) A leitura/escrita na universidade e para lá dos seus muros. In: Marçalo, M. J; Lima-Hernandez, M. C.; Esteve, E.; Fonseca, M. C.;

Gonçalves, O.; Vilela, A. L.; Silva, A. A. (eds.) *Língua Portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas*. Disponível em <https://repositorio-aberto.ip.pt/bitstream/10216/39388/2>, acessado em 14/02/21.

Rodrigues, M. G. S.; Marquesi, S. C. (2021) Responsabilidade enunciativa em gêneros discursivos acadêmicos. In: Gomes, A. T.; Rodrigues, M. G. S. *Análise de textos e discursos em diferentes perspectivas*. Natal: EDUFRN. (no prelo).